

MUSEUS DE PAULO MENDES DA ROCHA: O CARÁTER INSTITUCIONAL E A RELAÇÃO COM O ENTORNO

GIACOMELLI, Anderson Rodrigo Ramos¹

SCHMITT, Giovane²

ANJOS, Marcelo França dos³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo conceituar a qualificação do arquiteto Paulo Mendes da Rocha em relação à sua grande experiência com museus, a institucionalidade de suas obras e a relação com o entorno que elas criam, considerando que o arquiteto após a sua experiência de impedimento de ensinar e praticar a arquitetura na ditadura militar formou uma expressão arquitetônica diferente, em que ele diz que a arquitetura é feita para todos, e por todos. O homem vive no meio urbano, e nenhuma arquitetura é privada, pois ela está locada no urbano. A expressão arquitetônica formada pelo arquiteto, destaca hoje suas implantações projetuais, fazendo sempre espaços grandes e amplos atendendo à toda sociedade, e não os pequenos números. Sua relação com museus se torna a mesma, considerando que fazer museus é manter memórias e notícias vivas mesmo que o tempo passe, e esta relação se atribui com o conceito de arquitetura para todos do arquiteto. O artigo busca contribuir com métodos bibliográficos, análises documentais e um estudo de caso para compreender a individualidade da obra Museu Brasileiro da Escultura – MuBE, do arquiteto. Por fim, a análise se conclui com uma breve observação sobre a expressão arquitetônica, o entorno e sua institucionalidade em todo o seu trajeto na arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Brasileira, Arquitetura de Museus, Inserção Urbana

1. INTRODUÇÃO

O arquiteto foi contemplado com o prêmio máximo da arquitetura, e a percepção de significância e a exploração do concreto em suas obras são notáveis. As dimensões das obras realizadas formam um caráter institucional, passando desde espaços públicos, estações e museus, e a espacialidade concebida por Paulo Mendes da Rocha é inconfundível.

Este passa a ser um estudo que conta com uma metodologia bibliográfica, análises documentais e com estudo de caso de uma obra do arquiteto, para entender a presença significativa de museus em seu currículo; e compreender o olhar e expressão arquitetônica criada pelo mesmo ao longo de sua jornada de projetos, premiações e conquistas, mostra a importância de entrar em questão sobre o seu legado para a arquitetura brasileira.

¹ Aluno do oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: anderson-giacomelli@hotmail.com

² Aluno do oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: giovane_sch@hotmail.com

³ Orientador, professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: anjos@fag.edu.br

Assim, estabeleceu-se como problema de pesquisa: Quais as características projetuais e de inserção fundamentais para definir a expressão arquitetônica nas obras de Paulo Mendes da Rocha?

Visando responder ao problema proposto, estipulou-se como objetivo geral realizar uma análise das obras de Paulo Mendes da Rocha, focando na relação estabelecida entre o projeto arquitetônico e o lugar, buscando entender e caracterizar a institucionalidade de suas obras, considerando a sua expressão arquitetônica e a sua relação dos materiais e inserção dos projetos. De modo específico, este trabalho buscou: aprofundar-se sobre a vida e formação do arquiteto; relacionar a arquitetura Brutalista Paulista às características de Paulo Mendes da Rocha; entender a expressão arquitetônica criada pelo arquiteto desde o seu começo em meio ao ambiente de ditadura militar; identificar e caracterizar o perfil institucional das obras de Paulo Mendes da Rocha; explorar a presença significativa de obras de museus em seu curriculum; E realizar um estudo de caso do MuBE – Museu Brasileiro da Escultura.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O relacionamento de Mendes da Rocha com a arquitetura urbana social é muito forte, e a sua entrada para projetos de museus mostra claramente sua preocupação com o meio urbano. BARBOSA (2008), fala sobre a ideia de Paulo em que o habitat do homem é a cidade, e não a natureza, e por este fator ele projeta para a sociedade, para todos.

O arquiteto que, com reminiscências da Escola Paulista e do Brutalismo em sua arquitetura, passa a ser um símbolo desse momento no Brasil, enaltecendo as verdadeiras estruturas em suas edificações.

E, falando sobre suas edificações, Sales (2013) cita o livro que Paulo Mendes da Rocha escreveu com Maria Isabel Villac, onde comenta sobre as ideias do arquiteto, tais como que a cidade é um espaço vivo e dinâmico, isto enaltece a poética urbana do arquiteto. Ele entende que a arquitetura é feita para todos, e não somente para poucos, ele conceitua a cidade na era contemporânea, e ainda diz que esta é um desafio político; ele enfatiza a vida da cidade, e soluções para isso, como a requalificação de espaços urbanos.

2.1. PAULO MENDES DA ROCHA

Paulo Archias Mendes da Rocha nasceu em Vitória, Espírito Santo, em 1928. Formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, na cidade de São Paulo, em 1954. Artigas (2007) conta ainda que, convidado por Vilanova Artigas, o arquiteto se dedicou à lecionar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo a partir de 1959, e se tornando docente titular em 1998 na mesma, e tendo se tornado docente titular nessa escola em 1998.

Segundo Artigas (2007), Paulo Mendes da Rocha é um dos arquitetos mais celebrados da história do país, sendo premiado por inúmeras obras em concursos públicos. O arquiteto foi autor do projeto do pavilhão do Brasil na Expo 70, em Osaka, no Japão, e também esteve entre os finalistas premiados no concurso para o anteprojeto do Centro Cultural Georges Pompidou, em Paris (1971), já no Brasil é autor de um projeto significativo para o país, o Projeto do Museu de Escultura, (MuBE), localizado na cidade de São Paulo, o que valeu a indicação para o I Prêmio Mies Van der Rohe de Arquitetura Latino-Americana, organizado pela Fundação Mies Van der Rohe, na cidade de Barcelona (1999).

Baratto (2016) contempla as obras de Paulo Mendes da Rocha como uma abertura para poder conhecer o Brasil sem perder suas aquisições do estilo internacional da arquitetura moderna e contemporânea. E o que chama atenção é a clareza certa nas implantações dos projetos, pode-se dizer que o arquiteto é um mestre em interpretar pontos essenciais para a construção, e sempre surpreende em relação aos terrenos e suas soluções.

Artigas (2007), menciona que em 2006, o arquiteto foi agraciado com o “Pritzker”, prêmio máximo da arquitetura, instituído pela Hyatt Foundation, sediada em Los Angeles, EUA. Além de outros prêmios como o Leão de Ouro da Bienal de Veneza, por sua trajetória profissional, O Prêmio Imperial do Japão e a RIBA Gold Medal 2017.

Para SOUZA (2016), o arquiteto é um dos expoentes da chamada Escola Paulista, e a atemporalidade de suas obras é notável. O brutalismo deste período permanece vivo, privilegiando a verdadeira estrutura de sua arquitetura.

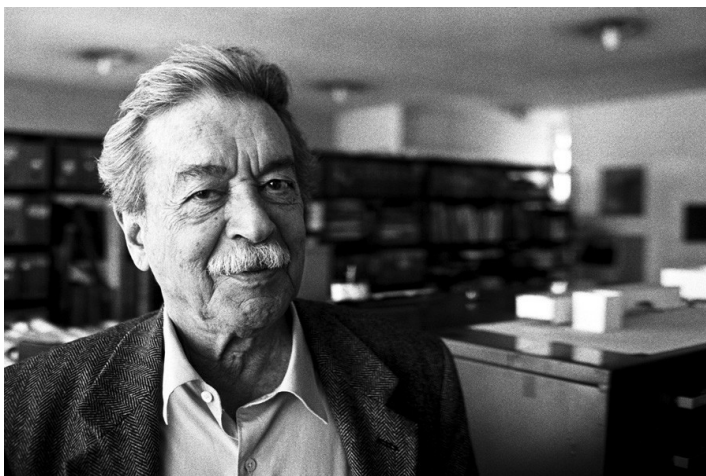


Figura 1: Paulo Mendes da Rocha

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/798023/paulo-mendes-da-rocha-nosso-leao-de-ouro>

2.2. ARQUITETURA BRUTALISTA PAULISTA

Segundo Zein, no Brasil o brutalismo começa aparecer no início dos anos 50, no Rio de Janeiro e São Paulo, formando uma nova geração de arquitetos paulistas, o início desta fase é na mesma fase do concurso e construção de Brasília, embora se consolide nos anos 60, quando ganha espaço nacionalmente, mas nem neste momento ou depois o brutalismo paulista se torna hegemônico, ele sempre se une com outras tendências e propostas.

Zein, ainda cita que, no começo dos anos 50, Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi começam a realizar obras usando o concreto aparente, como o Estádio do Morumbi (1952) em São Paulo, ou a Residência Baeta (1956), também em São Paulo. Outros arquitetos atuantes, no fim da década de 50, também adotam a linguagem brutalista, como Lina Bo Bardi no MASP - Museu de Arte de São Paulo.

A escola paulista brutalista pode ser definida por Koury (2016) como:

“A chamada escola paulista caracteriza-se pelo oposto da escola carioca. Sua identidade reside no despojamento formal das grandes estruturas de concreto aparente. Ao invés da sensualidade a rudeza é a sua principal qualidade e Vilanova Artigas é o seu grande expoente”.

Uma nova geração de jovens arquitetos formados naquele momento inicia sua carreira contribuindo para a consolidação da variante paulista da tendência brutalista, como Paulo Mendes da Rocha, como cita Zein falando sobre o Brutalismo Paulista. O brutalismo do arquiteto enaltece a verdadeira estrutura das edificações, o que ele consegue facilmente com o uso do concreto armado, considerando ser um expoente deste movimento e da Escola Paulista no Brasil.

2.3. A EXPRESSÃO ARQUITETÔNICA CRIADA PELO ARQUITETO APÓS SUA PASSAGEM PELA DITADURA MILITAR

Milheiro (2014), conta a resistência de Paulo Mendes da Rocha em relação o momento que viveu, durante parte da ditadura militar, quando o arquiteto juntamente com Vilanova Artigas, foi impedido de fazer e/ou ensinar a arquitetura, e somente depois de uma década foi reintegrado. Em 1990, em depoimento a estudantes da FAU-USP, na revista Caramelo, o arquiteto caracteriza o novo Brasil e a democratização:

“Trata-se de ter consciência do momento em que vivemos. É um momento de transformações na vida do homem, e a expressão que ele dará a isso deve ser serena e belíssima. É o momento de compreender que uma pirâmide não é uma forma piramidal, simplesmente, mas um desejo daquela época de colocar uma pedra a 30 metros de altura naqueles horizontes, e que a inteligência do homem foi capaz de realizar. Que raciocínio você quer fazer, que discurso você deve querer atribuir a isso que aí está, e o que devemos fazer agora?”

Para Milheiro (2014), este momento para o arquiteto marcou também a saída para a arquitetura moderna, onde ele começa a criar os edifícios definidos pela estrutura, toda sua plasticidade integrada e definida pela mesma. No final do século XX, suas obras surgiam como as mais engenhosas. Paulo Mendes da Rocha (2003), em entrevista ao público diz que:

“A arquitetura tem, antes de mais nada, de lutar muito no sentido da resistência ao desastre. Temos de nos defender da tendência para degenerar. Só pode degenerar algo que é excelente.”

Milheiro (2014), ainda fala que o arquiteto não se enquadrava no momento pós-moderno em que pertencia (e pertence). A expressão arquitetônica criada pelo arquiteto após esta resistência ao desastre, que foi o período em que a arquitetura foi impedida de ser realizada e ensinada, foi a de que não há estilo que garanta a modernidade na arquitetura, e que o que o faz moderno é a capacidade de construir a contemporaneidade, e é esta que o arquiteto carrega para sua trajetória no âmbito arquitetônico.

ARTIGAS (2007) falando sobre Paulo Mendes da Rocha e sua arquitetura para todos, menciona o conjunto habitacional CECAP, em Guarulhos, ele teve como objetivo neste projeto, mostrar que a qualidade da habitação não dependia de padrão econômico e classe social, mas a conhecimentos técnicos, que permitem a construção acessível a todos. E aonde Paulo Mendes da Rocha quer chegar com sua arquitetura “popular”? O arquiteto prioriza a arquitetura para todos como sua principal expressão na arquitetura, criada após o período de impedimento na arquitetura, ele sempre projetou para todos, a sua representação institucional é capaz de alcançar todas as classes.

2.4. PERFIL INSTITUCIONAL PRESENTE NAS OBRAS

Sales (2013), fala sobre o livro que Paulo Mendes da Rocha escreveu com Maria Isabel Villac, menciona que este fala sobre ideias do arquiteto, tais como que a cidade é um espaço vivo e dinâmico, isto enaltece a poética urbana do arquiteto. Ele entende que a arquitetura é feita para todos, e não somente para os poucos, e conceitua a cidade na era contemporânea, dizendo que esta é um desafio político, e enfatiza a vida da cidade, e soluções para isso, como a requalificação de espaços urbanos. O arquiteto cita que:

“Todo o espaço tem de ser ligado a um valor, a uma dimensão pública. Não há um espaço privado. O único espaço privado, que você pode imaginar, é a mente humana.”

A revista Desafios do Desenvolvimento (2016), em entrevista com Paulo Mendes da Rocha, relaciona a influência das gerações passadas na sua escolha no caminho arquitetônico, e também cita a Escola Paulista e suas influências para articular o projeto com o seu meio, e o arquiteto cita a sua arquitetura com o entorno com a seguinte frase:

“A arquitetura ou um edifício não pode ser um fato isolado, integra a cidade. Ninguém vive isolado. Então, a cidade tem as suas razões fundamentais e é isso que anima a imaginação do que possa se chamar arquitetura. É claro que você pode concluir, imediatamente, que o arquiteto é um infeliz porque o resultado que está aí é um desastre. É que o resultado que está aí não tem nada que ver com arquitetura.”

A revista *Desafios do Desenvolvimento* (2016) ainda em entrevista menciona todo o pensamento do arquiteto para com o público e a sociedade, onde ele descreve que a arquitetura é para todos, e que nada é privado, tudo se torna público dentro do ambiente urbano, e assim se baseia sua arquitetura, a inserindo no entorno urbano que é a cidade, e envolvendo seus conceitos de arquitetura para todos, desenvolvida em sua expressão arquitetônica.

SERAPIÃO (2006) fala sobre a avaliação que os arquitetos passam, que não é limitada somente à construção, mas também pelos conceitos filosóficos, éticos e estéticos, e Paulo Mendes da Rocha, fez mais do que conceituar seus projetos, ele construiu uma visão de mundo urbano. Ao fazer projetos que primavam a vida social urbana, não vendia a sua arquitetura, mas as suas ideias de sociedade urbana, estruturadas à partir de sua arquitetura. A base de sua arquitetura solidária é feita por espaços abertos e contínuos, negando muros e divisões que fecham a vida no privado, e adotando a fraternal vida social. Estas ideias passam a ser quase utópicas, considerando a sociedade com suas divisões de classes e vidas em condomínios fechados distantes da cidade, e se manifestam claramente em seus projetos urbanos, onde faz com que o homem transforme o local que habita em um interesse social, uma visão voltada para o futuro. O arquiteto se renova sempre e demonstra que a expressão arquitetônica não é um estilo ou moda a ser seguida, mas está na beleza pela vida urbana e social, depositando esperanças em um futuro hegemônico das novas gerações.

2.5. MUSEUS

Em entrevista a DIAS (2015), em entrevista com Paulo Mendes da Rocha, fala sobre museus, em que a ideia é ver como o homem aprende a pensar em tempos que vão mudando. Diz que a história tem que continuar de alguma forma, e este é um dos meios, afirmando também que museus estão em constantes transformação. Para o arquiteto, a vida é disposta por notícias, é uma predisposição, e um desastre imensurável é perder estas notícias, a história; portanto os museus possuem esta função com a sociedade, manter a história e as notícias vivas.

BARBOSA (2008), fala sobre a ideia de Paulo em que o habitat do homem é a cidade, e não a natureza, e por este fator ele projeta para a sociedade, para todos. O museu é o processo de manter a memória e notícias, e o processo construtivo empregado pelo arquiteto prioriza a interação social. O espaço pode ser privado, como em um museu, mas ainda assim dispõe de um lugar para todos, que como ele diz, é para todos que se faz a arquitetura, e para o homem em seu habitat, a cidade.

De acordo com BARBOSA (2008), a cidade como ambiente humano passou a ser uma referência arquitetural para o arquiteto, onde tudo que ele cria, projeta, se estende pelo meio urbano, que é onde o homem vive e convive todos os dias. Este meio urbano é o que ele chama de “arquitetura para todos”, onde defende a ideia de que não há espaços privados; ou seja, não há espaços no meio urbano em que o homem não possa frequentar ou ter algum espaço acessível de convivência. A sua vasta experiência em museus reflete justamente a sua expressão na arquitetura para toda a preservação da história e memória da população urbana e do habitat do homem, por isso a inserção destes ambientes são sempre em meios urbanos e sempre pensando no acesso para todos. Mesmo que o museu tenha sua área restrita por meio de ingressos, Mendes da Rocha oferece um grande pátio que todos podem acessar e conviver.

ARCOweb (2016) cita alguns dos museus realizados na trajetória do arquiteto, entre eles estão Museu dos Coches, Lisboa, Portugal; Museu da Língua Portuguesa, São Paulo; Museu das Minas e do Metal, Belo Horizonte; Museu e Teatro Cais das Artes, Vitória; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna, São Paulo; entre outros. Uma obra marcante para o currículo nacional, o MuBE – Museu Brasileiro da Escultura, São Paulo, mostra muito da expressão arquitetônica de Paulo Mendes da Rocha. Este projeto é como um compilado de características do que o arquiteto defende, principalmente a relação de espaço privado com área social, considerando que a obra é sim um espaço privado, mas seu entorno enaltece as relações sociais urbanas, e o uso do concreto aparente, mostrando toda a sua referência de Brutalismo e do período da Escola Paulista.

2.6. MuBE – MUSEU BRASILEIRO DA ESCULTURA

Nas palavras de ROCHA (2006) o museu fica localizado numa zona residencial da cidade de São Paulo, e de início foi imaginado como um museu de escultura e ecologia. Mas decidiu-se por

abrigar então no museu uma “notícia da paisagem”: espelhos d’água, um grande arvoredo, bromélias e flores nativas, mesmas que foram projetadas pelo renomado paisagista Roberto Burle Marx. Além disso, o museu conteria também um acervo de esculturas da cidade, documentado e administrado a partir dali. Pelo fato de ter se realizado apenas como museu da escultura, não foi esquecido o fato de ser imaginado como um jardim, com sombras e um teatro ao ar livre, rebaixado no recinto. A sua edificação principal não é evidente a céu aberto, a não ser por um alpendre, grande prisma reto, ou seja, um lugar de abrigo mais simbólico sobre o jardim, ponto de referência e parâmetro de escala entre as esculturas e o observador. O museu propriamente dito, pelo aproveitamento das diferenças de nível existentes ao longo dos limites do terreno, está projetado como um falso subsolo que, interiorizado, redesenha o lote na superfície.



Imagem 2: Museu Brasileiro da Escultura – MuBE

Fonte: <http://aliancapelainfancia.org.br/mube-promove-jornada-crianca-e-cidade-seu-direito-ao-brincar-e-arte/>



Imagem 3: Vista de cima do Museu Brasileiro da Escultura – MuBE

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/787214/arquivo-paulo-mendes-da-rocha>

O site Anual Design, conta que o primeiro passo para a obra foi a mobilização dos moradores do bairro, que desejavam impedir a construção de um shopping no local. O projeto foi fruto de um concurso vencido por Paulo Mendes da Rocha. Em grande parte subterrâneo, em concreto armado aparente, as fachadas se formam por múltiplos planos, onde não há uma principal. Aliada ao paisagismo de Burle Marx, o edifício se tornou um marco da arquitetura brasileira, e um marco da expressão arquitetônica de Paulo Mendes da Rocha, onde a concepção estrutural nasce com a arquitetura, a estrutura e a inserção no meio urbano se torna a própria e principal arquitetura.

O site Das Artes, fala sobre o MuBE, como uma instituição privada, porém de interesse público, que promove a arte em diversos segmentos, e recebe de 80 a 100 mil pessoas por ano. A programação varia entre o panorama nacional das artes. O projeto possui uma área de 7 mil m², e o trecho é abaixo do solo conta com o silêncio como característica do ambiente, possuindo um grande salão, uma pinacoteca e a sala Burle Marx. O paisagismo projetado pelo mesmo é mais uma das atrações que chamam a atenção na obra. Um museu sem acervo fixo foi um desafio, considerando que nada ocuparia o ambiente sempre, mas ao longo do tempo recebeu algumas esculturas expostas no interior e exterior da obra. Conta ainda com uma cantina e uma loja de artigos artesanais no exterior, tudo isso pensando no contexto arquitetônico de Paulo Mendes, que é uma arquitetura para todos.

TELLES (1995) na revista aU, fala sobre a obra:

“O projeto não é uma estrutura transparente, mas uma relação transparente entre dois planos paralelos à projeção da cobertura – uma figura geométrica íntegra, estática, portanto e a linha solta de uma superfície em movimento. A chave de seu partido é a implantação, uma delicada operação de escalas que mantém uma proximidade quase física entre dois planos: a construção e o terreno”.

Para PERRONE (2011) o enriquecimento cultural do MuBE, foi de grande valia, para a relação privada do museu, tanto para a relação urbana social que foi criada no meio em que está inserido. A manifestação da forma-estrutura nesta obra é um marco de todas as características que Paulo Mendes da Rocha preza em sua arquitetura, todo o conceito do brutalismo empregado, uma arquitetura rígida, porém com toda a leveza possível, considerando sua implantação e os balanços dispostos pela edificação, é a verdadeira resposta dos anseios do arquiteto em propagar as suas ideias. No projeto, ele recupera os passos das histórias humanas e do que os homens criaram para executar tal história, nas palavras de Paulo Mendes da Rocha:

“Outra coisa interessante a considerar, pela arquitetura, é que a história, ela não existe. Ela só existe entre os seres viventes. Se a espécie fosse extinta, não há nada que você possa chamar de história. Portanto, a história somos nós e o próximo passo da história virá a ser em função de nossas ações a cada momento.”



Imagem 4: Escultura no exterior do Museu Brasileiro da Escultura – MuBE

Fonte: <http://www.conexaocultural.org/blog/2011/08/mube/>



Imagem 5: Esculturas no exterior do Museu Brasileiro da Escultura – MuBE

Fonte: <http://artetudomais.com/tag/mube/>



Imagem 6: Interior do Museu Brasileiro da Escultura – MuBE

Fonte: <https://kekanto.com.br/biz/mube-museu-brasileiro-da-escultura-2>



Imagem 7: Paisagismo de Burle Marx no Museu Brasileiro da Escultura – MuBE

Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303631-d2350238-i159001652-Brazilian_Museum_of_Sculpture-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html

3. METODOLOGIA

Este artigo teve como base metodológica a revisão bibliográfica e a análise documental. Para Pádua (2002) a pesquisa bibliográfica é fundamentada em documentação e bibliografia; sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema de pesquisa. Também o estudo de caso, uma forma de aprofundar e compreender melhor a individualidade de algo. Para Salomon (1974) bibliografia é o conjunto de obras derivadas sobre determinado assunto, escritas por vários autores, em épocas diversas, utilizando toda ou parte das fontes.

Já a análise documental pode ser definida por Pádua (2002, p. 65) como:

É aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não-fraudados); [...] a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências; além das fontes primárias, os documentos propriamente ditos, utilizam-se as fontes chamadas secundárias, como dados estatísticos, elaborados por institutos especializados e considerados confiáveis para a realização da pesquisa.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Os resultados desta pesquisa bibliográfica foram agrupados de forma a entender a trajetória do arquiteto Paulo Mendes da Rocha e a criação de sua expressão arquitetural, a passagem do arquiteto pelo ambiente de ditadura militar fez com que ele criasse uma arquitetura acessível a todos, preservando a vida social urbana, e a Escola Paulista, ou Brutalismo, formaram a plasticidade na arquitetura desenvolvida por ele, que é baseada em conceitos deste momento, como a clareza real da estrutura utilizada que o concreto armado proporcionou para as edificações.

Os resultados encontrados no presente estudo sugerem que a presença significativa de obras de museus no currículo do arquiteto, se deu por toda a sua história desde a definição de sua expressão arquitetônica para todos, que influenciou o que o arquiteto queria propagar para a sociedade em sua arquitetura, a obra do MuBE, permite um olhar crítico sobre estas informações, considerando que a obra é um compilado de tudo que o arquiteto quer demonstrar, a arquitetura privada que também fora privilegiada com o espaço social urbano, as características plásticas arquitetônicas formadas pelo arquiteto e a relação com o entorno em que foi inserido com a responsabilidade da relação da edificação com o urbano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arquitetura de Paulo Mendes da Rocha é produto de uma construção social, o meio em que se insere muitas vezes é de teor público, e mesmo sendo privado, ele considera que não existem espaços privados e que a cidade é o habitat do homem, portanto, ele arquiteta para todos, e cria o plano urbano em suas obras.

Os museus para o arquiteto significam a preservação de memórias e notícias para o futuro, e sua relação arquitetural com os muitos museus em seu currículo é inteiramente ligada ao seu desejo de projetar socialmente, para o meio urbano, claro que muito deriva de consequência de necessidades, mas sua expressão arquitetônica se define inteiramente por uma arquitetura para todos.

REFERÊNCIAS

ARTIGAS, Rosa (org.) **Paulo Mendes da Rocha. Projetos 1957-99.** 3º Ed, São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ANUAL DESIGN. MuBE – Museu Brasileiro da Escultura. Disponível em: <<http://www.anualdesign.com.br/saopaulo/projetos/1238/mube-museu-brasileiro-da-escultura/>> Acesso em 19 de maio de 2017.

ALIANÇA PELA INFÂNCIA. **MuBE promove a jornada “A Criança e a Cidade: seu direito ao Brincar e à Arte”** (2016). Disponível em: <<http://aliancapelainfancia.org.br/mube-promove-jornada-crianca-e-cidade-seu-direito-ao-brincar-e-arte/>> Acesso em 19 de maio de 2017.

ARCHDAILY. **Paulo Mendes da Rocha: “Arquitetura não quer ser funcional; quer ser oportuna”.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/797077/paulo-mendes-da-rocha-arquitetura-nao-quer-ser-funcional-quer-ser-oportuna>> Acesso em 25 de março de 2017.

ARCHDAILY. **Clássicos da Arquitetura: Museu Brasileiro da Escultura (MuBE) / Paulo Mendes da Rocha.** (2015) Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/776774/classicos-da-arquitetura-museu-brasileiro-da-escultura-mube-paulo-mendes-da-rocha>> Acesso em 19 de maio de 2017.

ARCOweb. **13 projetos de Paulo Mendes da Rocha.** (2016) Disponível em: <<https://arcoweb.com.br/noticias/arquitetura/completando-88-anos-listamos-13-projetos-de-paulo-mendes-da-rocha>> Acesso em 19 de maio de 2017.

ARTE TUDO MAIS. **Tag/Mube.** Disponível em: <<http://artetudomais.com/tag/mube/>> Acesso em 23 de maio de 2017.

BARBOSA, Maria Ignez. **Paulo Mendes da Rocha, um arquiteto cidadão.** (2008). Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2008/09/paulo-mendes-da-rocha-um-arquiteto-cidadao/>> Acesso em 10 de maio de 2017.

BARATTO, Romulo. **Paulo Mendes da Rocha, nosso leão de ouro.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/798023/paulo-mendes-da-rocha-nosso-leao-de-ouro>> Acesso em 18 de maio de 2017.

CAUBR – **Paulo Mendes da Rocha.** Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/paulomendesdarocha/>> Acesso em 25 de março de 2017.

CONEXÃO CULTURAL. **MUBE.** Disponível em: <<http://www.conexaocultural.org/blog/2011/08/mube/>> Acesso em 23 de maio de 2017.

DAS ARTES. **MuBE – Museu Brasileiro da Escultura.** Disponível em: <<http://dasartes.com.br/guia-das-artes/mube-museu-brasileiro-da-escultura/>> Acesso em 23 de maio de 2017.

DIAS, Ana Sousa. **Paulo Mendes da Rocha: “A arquitetura existe para evitar o desastre”**. (2015). Disponível em: < <http://www.dn.pt/portugal/interior/paulo-mendes-da-rocha-a-arquitetura-existe-para-evitar-o-desastre-4749625.html>> Acesso em 10 de maio de 2017.

DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO. **Paulo Mendes da Rocha. 2016 . Ano 13 . Edição 88 - 23/11/2016.** Disponível em: < http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=3291&catid=30&Itemid=41> Acesso em 19 de maio de 2017.

PERRONE, Rafael Antonio Cunha. **Passos à frente: algumas observações sobre o MUBE**. Arqtextos, São Paulo, ano 12, n. 136.03, Vitruvius, set. 2011 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/12.136/4042>> Acesso em 25 de maio de 2017.

PMR. In: VILLAC, M. I. **La construcción de la mirada: naturaleza, ciudad y discurso en la arquitectura de Paulo Archias Mendes da Rocha**. Tesis Doctoral. Barcelona: UPC/ ETSAB, 2000, p. 428.

SOUZA, Carlos Eduardo. **‘Brutalismo’ de Paulo Mendes da Rocha é premiado**. (2016) Disponível em < <http://www.habitusbrasil.com/brutalismo-de-paulo-mendes-da-rocha-e-premiado/>> Acesso em 18 de maio de 2017.

SALES, Iracema. **A ética e a poética urbana de Paulo Mendes da Rocha**. (2013). Disponível em: < <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/a-etica-e-a-poetica-urbana-de-paulo-mendes-da-rocha-1.314226>> Acesso em 19 de maio de 2017.

SERAPIÃO, Fernando. **O recado de Paulo**. Edição de junho 2006, Mendes da Rocha, Pritzker 2006.

TRIP ADVISOR. **MUBE**. Disponível em: < https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303631-d2350238-i159001652-Brazilian_Museum_of_Sculpture-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html> Acesso em 22 de maio de 2017.

TELLES, S. S. **“A casa no Atlântico”**. In: “Revista AU” nº60, junho/julho, 1995, p. 81.

KOURY, Ana Paula. **Arquitetura nova brasileira, um debate sobre sistemas construtivos e desenvolvimento nacional**. Arqtextos, São Paulo, ano 16, n.188.06, Vitruvius, jan. 2016. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/16.188/5919>> Acesso em 25 de março de 2017.

KEKANTO. **MuBE – Museu Brasileiro da Escultura**. Disponível em: < <https://kekanto.com.br/biz/mube-museu-brasileiro-da-escultura-2>> Acesso em 25 de maio de 2017.

MILHEIRO, Ana Vaz. **Paulo Mendes da Rocha: A arquitetura é sempre oportuna**. (2014) Disponível em: < <https://www.publico.pt/2014/07/25/culturaipsilon/noticia/perfil-paulo-mendes-da-rocha-1663450>> Acesso em 19 de maio de 2017.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2002.

SALOMON, Dêlcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Interlivros, 1972.

VITRUVIUS. **América, cidade e natureza**. Disponível em: <
<http://www.vitruvius.com.br/pesquisa/bookshelf/book/1379>> Acesso em 18 de maio de 2017.

WAINWRIGHT, Oliver. **‘One never builds something finished’: the brutal brilliance of architect Paulo Mendes da Rocha**. Disponível em: <
https://www.theguardian.com/artanddesign/2017/feb/04/why-paulo-mendes-da-rocha-raises-architecture-to-a-new-level?CMP=Share_iOSApp_Other> Acesso em 19 de maio de 2017.

ZEIN, Ruth V. **Arquitetura Paulista Brutalista, 1953-1973**. Disponível em: <
<http://www.arquiteturabrutalista.com.br/index1port-conceitos.htm>> Acesso em 10 de maio de 2017.